

A BOA E A MÁ LINGUAGEM: Divisão Entre o Desvio Normal e o Item Semiológico da Patologia¹

Carla Salati Almeida Ghirello-Pires²
Faculdades Integradas de Maringá
Centro de Ensino Superior de Maringá

RESUMO: A literatura específica faz considerações importantes sobre a questão do desvio na semiologia das patologias da linguagem. Este não é um assunto novo e nem simples de ser entendido, pois a maneira de encarar os fatos está na dependência de que arcabouço conceptual e ideológico está subjacente à teoria assumida. A maneira de descrever os sintomas e desvios está ligada à chamada *vontade de verdade* de uma época, isto é, os modos de se descreverem os sintomas ou desvios estão vinculados ao discurso científico de seu tempo e, porque não dizer, aos diferentes interesses sócio-político-culturais.

Descritores: patologia da linguagem; desvio

GOOD AND BAD LANGUAGE: The Division Between Normal Deviation and Semiological Item of Pathology

ABSTRACT: The specific literature makes important considerations about the question of deviation in the semiology of the language pathology. This is neither a new issue nor it is easy to be understood, as the way to face the facts is in the dependency of the conceptual framework to the subjacent assumed theory. The way to describe the symptoms and deviations is linked to the so-called *wish for the truth of an era*, on other words, the ways to describe the symptoms and deviations are closely linked to the scientific discourse of one's time and, why not to say, to the different social, political and cultural interests

Index Terms: language pathology; deviations

¹ Texto produzido como parte das exigências para a conclusão da disciplina Neurolingüística II - LL 36 ministrada pela Professora Doutora Edwiges Maria Morato (Dudu) junto ao Curso de Pós-Graduação em Lingüística –nível Doutorado- do Instituto de Estudos Lingüísticos da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, primeiro semestre de 2000.

² Fonoaudióloga Coordenadora do Curso de Fonoaudiologia das Faculdades Integradas de Maringá-Faimar do Centro de Ensino Superior de Maringá-Cesumar, Mestre em Psicologia Experimental pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo-USP e aluna especial da pós-graduação, nível Doutorado, em Lingüística do IEL/Unicamp.

Introdução

A questão do desvio na semiologia das patologias da linguagem não é assunto novo e nem simples de ser entendido, pois a maneira de encarar os fatos está na dependência de que arcabouço conceptual e ideológico está subjacente à teoria assumida. Logo não teremos uma forma de considerar a questão, mas várias.

Uma consideração importante relacionada a esta questão é feita por FOCALTA (1998). Este autor enfatiza que a maneira de descrever os sintomas e desvios está ligada ao que o autor chamou de *vontade de verdade* de uma época, isto é, os modos de se descreverem os sintomas ou desvios estão vinculados ao discurso científico de seu tempo e, porque não dizer, aos diferentes interesses sócio-político-culturais.

Para CANGUILHEM (1995) a fronteira entre o normal e o patológico é imprecisa para diversos indivíduos considerados simultaneamente, mas é perfeitamente precisa para um único e mesmo indivíduo considerado sucessivamente. Aquilo que é normal, apesar de ser normativo em determinadas condições, pode se tornar patológico em outras situações.

Ao considerarmos um indivíduo com uma patologia devemos ter em mente que, em primeiro lugar, existem muitas variações, isto é, não existe uma patologia, existem indivíduos diferentes com experiências diferentes, níveis socioculturais diferenciados que apresentam uma seqüela, e esta irá se apresentar em graus variados. Portanto não pode existir uma normalização deste *sintoma*, ou seja, não existe produtividade ao se comparar um indivíduo ao outro.

Temos de considerar, também, todas as situações que afetam indivíduos, que apresentam uma patologia da linguagem, por exemplo, os lapsos, as digressões, o ato falho. Tais problemas, também, afetam em maior ou menor grau, indivíduos considerados normais. Ou seja, indivíduos que apresentam patologias da linguagem, não são patológicos o tempo todo. Nem indivíduos considerados normais não o são o tempo todo.

Em segundo lugar, é preciso lembrar que existe um grande preconceito com qualquer espécie de desvio, algo quase intolerável, como se as pessoas que não tivessem sido afetadas de alguma forma em sua linguagem se comportassem como falantes *ideais* o tempo todo.

Talvez uma questão importante fosse negar à linguagem este fator quase *divino* que lhe é conferido, e enxergar que todos somos falíveis e que cometemos os mesmos erros que indivíduos considerados patológicos e, o que é mais grave, é que parece existir uma relação direta entre falar corretamente e pensar corretamente, falar mal e pensar mal.

CANGUILHEM apud MORATO (2000) critica o raciocínio de que o estado patológico é relacionado com leis completamente diferentes das que regem o estado normal, de modo que a exploração de um deles nada pode decidir em relação ao outro. Para o autor, as leis são as mesmas não havendo fronteira rigidamente delimitadas, havendo mesmo uma continuidade nas relações entre o normal e o patológico.

A teoria lingüística é ou não indispensável ao estudo dos fatos patológicos da linguagem?

Depende de que teoria está subjacente a este estudo da linguagem. Podemos entender que a afasia é uma perturbação da linguagem que pode ser entendida à luz da lingüística, isto é, é necessária uma teorização lingüística

para dar conta dos fenômenos visualizados pela linguagem. É a lingüística que irá nos auxiliar a compreender quais são os níveis afetados e como intervir.

A lingüística de que estamos falando obviamente não é aquela que torna a língua como código, a fala como ato fisiológico e o discurso como uma seqüência hierárquica de palavras e sentenças, mas sim aquela comprometida com o sujeito, orientando assim discursivamente a visão que se tem sobre os fatos patológicos da linguagem. Sendo assim, os problemas lingüísticos dos sujeitos segundo COUDRY (1995), serão formulados a partir do conceito de discurso considerado como acontecimento discursivo.

No caso das afasias, especificamente, podemos observar que o conhecimento lingüístico adquirido pode estar danificado como, por exemplo, na manutenção de tópicos, relações de sentido, ambigüidades etc. É neste sentido que a relação entre a lingüística e a neurolingüística, sob uma visão de uma teoria de linguagem discursivamente orientada, irá auxiliar em como observar esta linguagem e avaliá-la.

Em geral alterações afásicas podem dizer respeito às dificuldades com a produção articuladora envolvendo o nível fonológico, com a organização sintática, com a relação lexical ou tópica, envolvendo o nível semântico, com a expressão das relações semânticas, quer do ponto de vista da produção de relações de sentido, quer da tarefa interpretativa, dificuldade pragmática e outras. A lingüística e a neurolingüística, a partir da perspectiva enunciativa, tem muito a oferecer em relação às estas questões, pois assumem o sujeito na sua interação, em atitudes de linguagem, e não em uma situação estanque congelada.

NOVAES-PINTO (1999), em sua tese de doutorado, aponta para o fato de que muitos autores correlacionam lesão e sintoma, sem qualquer análise lingüística dos fatos e acredita que seja justamente a falta dessas análises lingüísticas o que leva os pesquisadores a descreverem as afasias em termos de sintomas e déficit.

Podemos observar em nossa sociedade, e segundo nossas concepções normativas, inúmeros fatos lingüísticos que podem ser considerados normais como, por exemplo, repetições, confabulações, anomias, hesitações, enunciados incompletos, e que são tomados como sintomas em diferentes afasias, demências e deficiência mental.

Tais fatos, na verdade, podem passar por despercebidos quando veiculados por pessoas que não estão sendo avaliados ou foram acometidos por um dano cerebral, mas que ganham relevo no campo das patologias.

MORATO (1995) sinaliza que muitos fatos de linguagem tidos como patológicos são assim considerados não exatamente por razões lingüísticas ou cognitivas, mas por obedecerem a parâmetros ideológicos, isto é, culturais, de normalidade, sustentados por uma visão idealizada que a sociedade fez de si mesma.

Ainda, segundo, MORATO (1995) a neurolingüística praticada no Brasil, e mais especificamente na Unicamp, traça um caminho que procura ter na lingüística seu posto privilegiado de observação. A teorização produzida pela pesquisa neurolingüística volta à lingüística de forma extremamente produtiva em relação aos interesses desta última, pois a análise dos dados obtidos no contexto patológico, bem como o estudo sistemático da relação entre linguagem, cérebro e cognição permite diferentes e prolíferos movimentos teóricos.

Desta forma, a lingüística promove a construção de teorias-ponte no interior da própria lingüística.

A relação entre compreensão e significado

Ao abordarmos os termos, sentido e significação (termos bastante complexos e que requerem uma explicação à parte) observa-se em MORATO (1995) que significação e comunicação mantêm estreita relação entre si, mas um termo não pode ser empregado no lugar do outro pois implicam diferentes trabalhos lingüísticos discursivos e mobilizam diferentes níveis de reflexão sobre a atividade cognitiva.

Ainda, segundo MORATO (1991), a simbiose entre comunicação e significação nem sempre nos ajuda a compreender o emaranhado dos processos ativados. Nesta última, a forte dicotomia entre a comunicação e significação tampouco tem permitido à pesquisa neurolingüística dar conta dos mistérios da significação.

Para compreendermos esta questão (compreensão e significação), precisamos levar em conta que todo discurso ou dizer toma um sentido a partir de sua inscrição histórico-cultural. Portanto importa-nos como estas relações têm sido consideradas e ou significadas em relação ao discurso patológico

O que nos indica, no entanto, a comunicação? MORATO (1995) nos indica que o sujeito tem algo a dizer, e a significação nos indica que o sujeito mostra explicita ou implicitamente a maneira pela qual ele corre um risco de interpretar e ser interpretado. Então, como este sujeito afásico tem sido interpretado? Como tem sido compreendido e/ou significado? O que podemos dizer com relação a esta questão é que sempre se espera de um sujeito, seja ele afásico ou não, um padrão normativo, a significação intolerável ou desviante não é permitida.

A partir desses limites, uma postura a ser assumida, é a de que novas propostas teóricas sejam levadas em consideração, como por exemplo, uma abordagem discursiva que leve em conta o sujeito e todas as suas possibilidades enunciativas.

Referências

- CANGUILHEM, Guilhem. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro(RJ): Forense Universitária, 1995.
- COUNDRY, Maria Irma Hadler. Neurolingüística e lingüística. Em DAMASCENO, Benito Pereira & COUNDRY, Maria Irma Hadler. *Temas em neuropsicologia*. São Paulo: Tec Art, 1995. (Série de neuropsicologia; v.4).
- FOUCAULT, Michael. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro(RJ): Forense Universitária, 1998.
- MORATO, Edwiges Maria. Significação e neurolingüística. Em DAMASCENO, Benito Pereira & COUNDRY, Maria Irma Hadler. *Temas em neuropsicologia*. São Paulo: Tec Art, 1995. (Série de Neuropsicologia; v.4).
- MORATO, Edwiges Maria. Processos de significação e pesquisa neurolingüística. *Cad.Est.Ling.*, Campinas, (32):1-150, jan./jun. 1997.
- MORATO, Edwiges Maria. *As afasias entre o normal e o patológico: da questão (neuro)lingüística à questão social*. IEL: Unicamp, 2000. (apostila)

NOVAES-PINTO, Rosana do Carmo. *A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas*. 1999. Campinas. Tese (Doutorado) 271p. Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas.

Recebido em: 2000:IX:15